

## A exibição cinematográfica em São Borja: pesquisa e produção de radiodocumentário sobre a sétima arte

### *The show of movies in São Borja: exploration and production of radio documentary about the seventh art*

Pedro Henrique de Melo GOMES<sup>1</sup>

Ricardo Martins GODOY<sup>2</sup>

Alexandre Rossato AUGUSTI<sup>3</sup>

#### Resumo

Este trabalho tem base no projeto de pesquisa, *O fazer e exibição cinematográfica no interior do estado*, que tem como objetivo principal construir um panorama histórico acerca das iniciativas dos cinemas que existiram em São Borja, os quais, conforme relatos, completaram, em 2015, 100 anos desde a primeira experiência de exibição. As principais informações acerca do tema são relatadas através de fontes orais, em entrevistas com os profissionais ou amantes de cinema, Renato Godoy, Ibaro Rodrigues, Marcos Leipnitz, Fernando Rodrigues, Antonio Silva, Marcos Lopes e Mara Regina Rodrigues Ribeiro. Além disso, trabalhos desenvolvidos pela universidade sobre o tema fornecem maior base para o panorama. O estudo repercute na produção de um radiodocumentário, que objetiva mostrar o que ocorreu na cidade sobre o comércio cinematográfico ao longo desses 100 anos.

**Palavras-chave:** Cinema. Panorama histórico. São Borja.

#### Abstract

This work is based on the research project, the make and film exhibition in the State, which has as main objective to build a historical panorama about the initiatives of the cinemas that existed in San Borja, which, according to reports, completed in 2015, 100 years since the first viewing experience. The key information on the subject are reported through oral sources, interviews with the pros or lovers of cinema, Renato Godoy, Ibaro Rodrigues, Marcos Leipnitz, Fernando Rodrigues, Antonio Silva, Marcos Lopes and Mara Regina Rodrigues Regina. In addition, work carried out by the University on the subject provide largest base for the panorama. The study echoes in the production of a

---

<sup>1</sup> Graduando de Comunicação-Habilitação em Publicidade e Propaganda. Bolsista PBDA do projeto de pesquisa; Instituição Unipampa (Universidade Federal do Pampa). Cidade de São Borja, Rio Grande do Sul; E-mail: pedrohenrymg@hotmail.com.

<sup>2</sup> Graduando de Comunicação-Habilitação em Jornalismo. Bolsista voluntário do projeto de pesquisa; Instituição Unipampa (Universidade Federal do Pampa). Cidade de São Borja, Rio Grande do Sul; E-mail: rmartinsgodoy@gmail.com.

<sup>3</sup>Professor da Instituição Unipampa (Universidade Federal do Pampa). E-mail: alexandreaugusti@unipampa.edu.br.

radiodocumentário, which aims to show what occurred in the city on film trade over these 100 years.

**Keywords:** Cinema. History. São Borja.

## Introdução

Para que a população são-borjense desenvolva mais conhecimento acerca das iniciativas cinematográficas que ocorreram na cidade, a pesquisa, primeiramente, buscou compreender o que há de informações disponíveis sobre o assunto, recuperando um breve panorama histórico, relatando projetos desenvolvidos por discentes e docentes da Unipampa. São eles: *Pesquisa sobre a possibilidade de implantação de um cinema de média estrutura na cidade de São Borja* (FERRACINE et al., 2013); *Pesquisa sobre a possibilidade de implantação de um Bar/ Cinema média estrutura na cidade de São Borja* (KOCHANN et al., 2014); e, em parceria com o IFF (Instituto Federal Farroupilha), *A trajetória e perspectivas do cinema em São Borja-RS: dos anos 20 aos dias atuais* (RHODEN et al., 2015). Os três trabalhos fornecem conhecimentos distintos acerca da temática. Para desenvolver um panorama mais completo sobre a história dos cinemas, buscaram-se pessoas da cidade que poderiam fornecer mais informações para compreender como se construíram tais iniciativas, relatando suas características, e relacionando-as umas com as outras.

Alguns depoentes têm relações diretas com as iniciativas desenvolvidas ao longo deste centenário, visto que foram responsáveis ou trabalharam em alguns cinemas ou projetos de exibição, enquanto outros estão ligados a essas iniciativas por circunstâncias profissionais variáveis. Renato Godoy trabalhou no *Cine Presidente*, saindo antes mesmo de seu fechamento; o locutor da rádio Butuí FM, Ibaro Rodrigues, conta sobre experiências de sua infância e sobre o que seu pai havia lhe falado a respeito da temática; o comerciante Marcos Leipnitz morou ao lado do *Cine Variedades*; Fernando Rodrigues auxiliou na produção do artigo *A trajetória e perspectivas do cinema em São Borja-RS: dos anos 20 aos dias atuais*; Antônio Candido Silva é professor do IFF (Instituto Federal Farroupilha) e tem o *Cine Campus* como iniciativa; Marcos Lopes é discente de Ciências Políticas e conta sobre o *Cine CP*; e Mara Regina Rodrigues Ribeiro, docente da UNIPAMPA, traz informações sobre o *Sessão Pipoquinha*.

O principal objetivo do estudo é captar – através de gravações de áudio – a essência das iniciativas cinematográficas na cidade, e mostrar à população são-borjense um panorama histórico através da voz de seus conterrâneos. Ao mesmo tempo, este artigo pretende relatar como se dá o processo de buscar e contar essa história. Desta forma, tem intuito de incentivar uma visão crítica acerca do tema, fazendo com que a população valorize a história e pense sobre o futuro do cinema na cidade.

Avaliando os trabalhos desenvolvidos acerca do tema na cidade, logo concluímos que há uma carência de informações. A respeito da história do cinema na cidade, as entrevistas mostram que a insuficiência da oferta de salas de exibição ao longo do tempo influenciou a procura por outras formas de lazer e cultura.

A pesquisa se divide em três partes: a primeira transcreve as iniciativas desde o primeiro relato cinematográfico até a primeira década do século XXI; a segunda parte traz informações de iniciativas entre os anos de 2010 e 2015, sendo os projetos de cinemas mais atuais que passaram por São Borja; por último, relatam-se as pesquisas produzidas na cidade, pretendendo-se discutir sobre o futuro cinematográfico da mesma. O processo de reunir tais estudos fornece base para uma investigação mais profunda sobre o assunto, permitindo-nos lançar algumas perspectivas sobre o futuro mais imediato da cidade no que diz respeito às expectativas de exibição.

## **Histórias das iniciativas cinematográficas**

Os cinemas da cidade de São Borja durante muito tempo foram importantes para a cidade e trouxeram à população uma opção saudável de cultura e entretenimento em seus períodos de mais reconhecimento. As pesquisas e entrevistas produzidas atualmente decorrem principalmente de se constatar a evidente carência de uma das principais formas de lazer e cultura. São Borja tem recebido na última década centenas de estudantes de todo o país devido a hospedar duas instituições de ensino de nível superior (Unipampa e IFF). E qualquer estudante de fora da cidade logo fica intrigado sobre a ausência de salas de cinemas comerciais e a existência de algumas poucas iniciativas de exibição não comerciais. Além disso, questionam-se sobre formas de estimular outras iniciativas nesse sentido.

Um dos principais artigos pesquisados, produzido por discentes e docentes da Unipampa em parceria com o IFF (Instituto Federal Farroupilha), intitula-se *A trajetória e perspectivas do cinema em São Borja-RS: dos anos 20 aos dias atuais*. O “artigo propõe uma reflexão sobre a sétima arte em São Borja, busca entender a trajetória dos espaços de exibição de cinema na cidade e, ao mesmo tempo, trazer elementos para apontar o futuro” (RHODEN et al. 2015). O trabalho aponta que o primeiro relato de cinema na cidade foi em 20 de julho de 1915, em um estabelecimento com o nome de *Cinema Familiar*:

A primeira exibição pública em São Borja que se tem informação data de 20 de junho de 1915. Era um sábado, e o Jornal Missioneiro, em sua edição nº 49, jornal de responsabilidade do Partido Republicano, tendo como Diretor o Dr. Raphael Escobar, circulou na cidade com uma das chamadas intitulada “**Cinema Familiar**” que anunciava a exibição do Drama Policial “Os abutres de Paris” (RHODEN et al. 2015, p. 4 - grifo do autor ).

Já nas décadas seguintes:

Na metade da década de 1920 surge o “**Cine Teatro Municipal**” tendo como seu primeiro proprietário Carlos Drago. Nos seus primeiros anos de existência era época de cinema mudo, tendo como acompanhamento, música ao vivo - comum naquela época. Na década de 1930 passou a ter fitas sonoras, não sendo necessário mais o auxílio dos músicos. O cinema neste período era uma das principais formas de lazer da sociedade são-borjense (RHODEN et al. 2015, p.4 - grifo do autor ).

Nos anos 60, o comércio cinematográfico era uma forte tendência no país. Neste período, o primeiro cinema a ser aberto na cidade e se firmar como atração para a população são-borjense foi o *Cinema Vitória*, que tinha uma capacidade parra 200 pessoas (RHODEN et al., 2015). Ibaro Rodrigues (2015)<sup>4</sup>, locutor da rádio Butuí FM, informa que havia no bairro do Passo, em frente à escola Olavo Bilac, o *Cine Vitória*. O último, entretanto, contemplava mais os habitante do bairro, esclarece Rodrigues.

Mas logo outros bairros também ganharam cinemas, já que Ercolani (2008) aborda que São Borja tinha quase cinquenta mil habitantes na década de 60, a mesma atualmente tem 62 mil habitantes. De acordo com senhor Augusto Weber (DONATO

---

<sup>4</sup> Informações retiradas de uma entrevista produzida com Ibaro Rodrigues.

apud RHODEN et al., 2015, p. 4), o *Cine Teatro* passou a ter o nome de *Cine Variedades*, com o comando de Joaquim Macedo, cunhado do ex-presidente da república João Goulart, tornando-se uns dos principais cinemas da cidade, com importante localização. Conforme relata Rodrigues (2015): “tinha o *Cine Variedades*, que era um cinema mais popular, na rua Candido Falcão [...] passando os correios”. O locutor completa, explicando que “um cinema como o *Variedades* tinha uma capacidade para em torno de quinhentas pessoas sentadas, e tinha um segundo piso ainda [...] espécie de um camarote grande, [...] e quase sempre com lotação esgotada”. Marcos Leipnitz (2015<sup>5</sup>) aborda que o estacionamento onde passavam os filmes abertos do *Cine Variedades* ficava ao lado de sua loja. Havia um declive e até hoje é possível ver o nome do cinema escrito na parede. Colocavam-se várias cadeiras, formando uma estrutura adequada para que o público assistisse aos filmes. Nas palavras de Ercolani, que trabalhou no *Cine Variedades*:

No saguão havia duas escadas em concreto. A do lado esquerdo conduzia à cabine de projeção e às gerais. A do lado direito, ao mezanino. Havia, também, um ponto reservado para venda de balas e caramelos. [...] Os meninos traziam gibis para trocarem entre si. [...] A sala possuía boas acomodações. Era espaçosa, com teto alto, e capacidade para acomodar perto de quinhentas pessoas. Havia duas seções de poltronas, todas de madeira, com encosto arredondado e assento reclinável para permitir a passagem das pessoas. Um corredor central e dois laterais permitiam uma rápida saída do público em dias de grande movimento. O cinema possuía um palco elevado em relação ao piso, e sobre ele ficava a tela (ERCOLANI, 2008, p. 106).

O artigo de discentes e docentes de Relações Públicas também aborda que, após o fechamento do cinema *Variedades*, surgiu o *Cine Municipal* – ainda assim, houve-se uma época com ambos abertos –, que tinha capacidade para 380 pessoas (RHODEN et al., 2015). “O *Cine Municipal* era um cinema mais requintado pra época, com cadeiras estofadas e o pessoal de maior poder aquisitivo. Fica onde hoje é a Câmara Municipal de Vereadores, bem na esquina da Olinto Arami Silva com a General Osório”, conta o radialista Ibaro Rodrigues (2015).

Ercolani (2008) esclarece que tanto o *Cine Municipal* quanto o *Cine Variedades* possuíam alto-falante na janela da sala de projeção, apontado para a Praça XV,

---

<sup>5</sup> Informações relatadas em uma entrevista produzida com Marcos Leipnitz.

comunicando os anúncios dos filmes e reproduzindo músicas antes das sessões. Ambos os cinemas da época tinham uma grande área descoberta, devido ao forte calor que fazia na cidade, assim as sessões de noite eram realizadas ao céu aberto.

Ercolani conta que “Seu” Clarestino ensinou a ele sobre a atividade cinematográfica. Dizia-lhe que é cara e por isso os filmes deveriam ser guardados em containers cilíndricos, ficando protegidos durando o transporte. “Os filmes eram entregues aos cinemas em rolos simples, às vezes nove ou dez, com duração de dez minutos cada. Depois eram emendados, transformados em rolos duplos, a fim de diminuir a troca de projetores”. Geralmente os longas-metragens tinham de uma hora e trinta à uma hora e quarenta, mas dos filmes de faroeste girados muitos tinham aproximadamente sessenta minutos. “Quase sempre vinham de trem diretamente distribuídos de Porto Alegre, ou, em certas ocasiões, de algum cinema de Santa Maria ou Santiago<sup>6</sup>” (ERCOLANI, 2008, p. 172).

Destacando os principais atores, diretores e nome do filme, os painéis de tela eram pintados com cal, com diversas cores. Os painéis mediam um metro de altura por oitenta de largura. Finalizavam a chamada com não percam, após isso distribuía em pontos estratégicos da cidade: “um deve ser colocado em frente à Farmácia Castro. Outro, na esquina onde está o Banrisul. O terceiro, na Rua Cândido Falcão, perto dos Correios. Deixem o último cartaz na esquina da Praça Quinze, em frente à Joalheria Viana”. (ERCOLANI, 2008, p. 131). Mas o cinema não durou:

Joca Mateus adquiriu os equipamentos utilizados no “Cinema Municipal” e fundou o *Cine Presidente*, que possuía uma lotação inicial de 500 pessoas. A pessoa jurídica do cinema chama-se A. Matteo e Cia Ltda e teve a gerência de Artur Freire Nunes. O “Cine Presidentes” funcionou até o ano de 1989 (RHODEN et al. 2015, p.5).

Nas entrevistas, o comerciante Leipnitz (2015), da mesma forma que Ibaro Rodrigues (2015), informa que o *Cine Presidente*, esporadicamente, funcionou no salão de atos da Escola Normal Sagrado Coração de Jesus, e era dirigido por seu Joca, da família Muniz, uma das filhas do proprietário sendo colega de imprensa do já referido

---

<sup>6</sup> Santa Maria e Santiago são cidades vizinhas de São Borja, a primeira fica aproximadamente 300km distante, enquanto a segunda, 150km.

Antônio Carlo Macedo em Porto Alegre da rádio Gaúcha. Segundo Godoy<sup>7</sup>, o cinema deveria ter aproximadamente 460 lugares, onde todas as noites havia sessões, sendo o que mais tinha público entre os cinemas. Informa ainda que foi fundado em 1972, enquanto os outros já existiam nos anos 60.

O jornal *Segundo Caderno* relata um clube de cinema fundado em 1989, logo após o *Cine Presidentes* fechar. Na matéria, escrita por Maria Alice Souza, lê-se “por meio de campanhas comunitárias, em um ano o grupo adquiriu todos os equipamentos do antigo cinema” (SOUZA, 1996). É citado que o aluguel do novo estabelecimento custava em torno de R\$800,00 por mês. A prefeitura pagava 65% deste valor, o restante era pago com o lucro da bilheteria, assim como o “salário dos três funcionários, manutenção do prédio e maquinário, água, luz e aluguel dos filmes” (SOUZA, 1996). O transporte dos filmes era feito pela Planalto<sup>8</sup>, que não cobravam.

---

<sup>7</sup> Informações fornecidas por Renato Godoy em uma entrevista.

<sup>8</sup> Empresa de Ônibus que até hoje opera na cidade.

Figura 1 Uma história de cinema em São Borja

SEGUNDO CADERNO

Editora: SANDRA SIMON 215-4371

FOTOS: RESE E HENRI ESPERANZA/2011



O clube de cinema foi fundado em 1989, depois que a direção do Cinema Presidente, a última sala de São Borja, encerrou as atividades

## Uma história de cinema em São Borja

Um grupo de sete cinéfilos se multiplica em várias atividades para manter ativa a última sala de exibição da cidade

MARIA ALICE SOUZA  
Correspondente/São Borja

O trabalho de sete voluntários tem garantido aos 60 mil habitantes de São Borja, na Região da Campanha, a 628 quilômetros de Porto Alegre, o acesso ao cinema. Desde que o Cinema Presidente foi fechado pela empresa Armando de Matteo e Cia. Ltda, em 1989, o clube de cinema, presidido por Maria Thereza Veloso, vem realizando quatro sessões semanais (três adultas e uma infantil) no mesmo prédio, agora mantido pelo grupo. O trabalho dos voluntários inclui a escolha dos filmes, locação, transporte dos rolos, divulgação, programação nas escolas, venda de ingressos e o atendimento na portaria e no bar.

O clube foi formado em 1989, assim que a direção do Cinema Presidente resolveu encerrar as atividades e locar o prédio. Por meio de campanhas comunitárias, em um ano o grupo adquiriu todos os equipamentos do antigo cinema, menos o prédio, que até hoje permanece alugado. O aluguel de R\$ 900,00 por mês é pago, em 65%, pela prefeitura. A arrecadação da bilheteria é destinada para o pagamento do restante do aluguel, salário dos três funcionários, manutenção do prédio e maquinário, água, luz e aluguel dos filmes. A empresa de ônibus Planalto transporta os filmes até São Borja, sem custo algum.

"Qualquer novo investimento está condicionado ao aumento de frequentadores do cinema. Atualmente, receita e despesa empatam. Para uma lotação de 350 lugares, a média de público varia de 35 a 70 pessoas, dependendo do filme", informa a presidente do clube. "Venho sempre porque a programação é ótima", conta Olga Ferreira, antes de assistir ao filme *O Carteiro e o Poeta*.

João Carlos Fioravante Passarini, 50 anos, e Renato Araujo trabalharam em vários empregos antes de se dedicarem na profissão ainda adolescentes. O menino personagem do filme *Cinema Paradiso* tem semelhanças com João Carlos. De família pobre e numerosa, para ganhar um ingresso juntava garrafas e ajudava na limpeza do antigo Cine Municipal. A luz e o som saídos da cabine de projeção fascinavam o menino. As visitas ao cinema se tornaram frequentes, e João Carlos virou aprendiz de projectionista. "Seu João Rodrigues (operador já falecido) dava as dicas e na falta de um funcionário eu assumia", conta.

Aos 14 anos, João Carlos deixou de estudar e dedicou-se exclusivamente ao cinema. Até hoje, João Carlos e a mulher Osmilda trabalham no clube – ele, projectionista, ela, zeladora. A história de Renato Godoi Araujo é semelhante. Aos 16 anos, Araujo virou profissional pelas mãos de João Carlos. Funcionário hoje de um supermercado, Araujo aproveita os finais de semana de folga para trabalhar voluntariamente no clube.

O cinema tem sessões aos sábados, domingos e segundas às 20h30min, com ingressos à R\$ 3,00. No domingo, sessão infantil às 15h com ingressos a R\$ 2,00.



Renato Araujo trabalha no cinema nos dias de folga

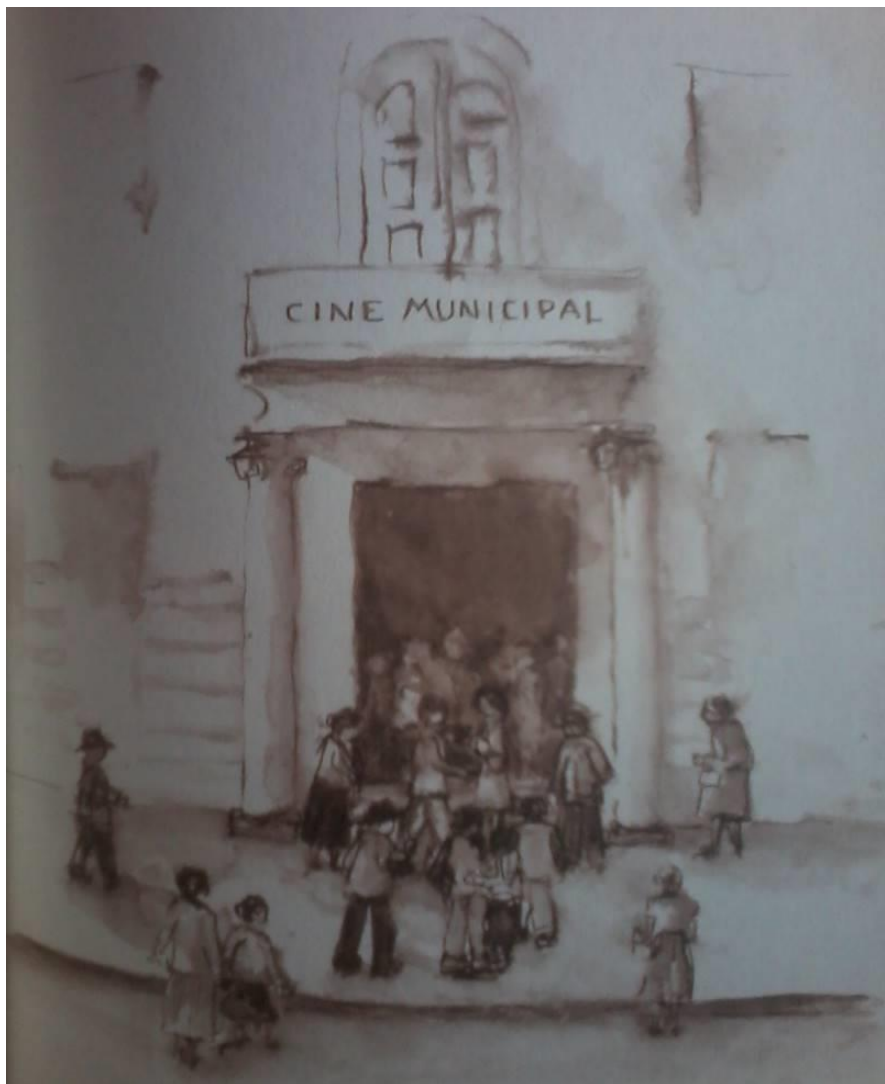
Fonte : Uma história de cinema em São Borja

Sobre os três cinemas que se fixaram no centro da cidade, Rodrigues (2015) informa serem “de uma mesma empresa de Porto Alegre [...]. Proprietário Macedo, e aqui em São Borja era seu Odorico Drago, que era o gerente responsável”. Leiniz (2015) completa, explicando que o único familiar que pode ser encontrado na cidade é Silvio Drago ou seu filho Darian Drago. Quanto ao *Cine Municipal*, Ercolani (2008) garante que a bilheteria era cheia, a fila extensa chegava até a esquina do Clube Comercial, dando aproximadamente quatro quadras de extensão. As crianças ficavam geralmente ao redor do carrinho de pipoca. Nos intervalos de uma programação e outra, os baleiros vendiam chocolates, balas de goma e “cartuchos” de amendoins. O cinema



que ficava na Rua Olinto Arari Silva tinha sobre a principal porta uma galeria. Acima dela estava escrito “*Cine Municipal*”, como mostra a ilustração abaixo.

**Figura 2 Cine Municipal, ilustração de Luiza Anna Bellucci.**



**Fonte : ERCOLANI, Valdí (2008): 129 O despertar do Inocência.**

Em geral, os cinemas não se estabeleceram por muito tempo: “primeiro fechou o *Vitória*, depois o *Variedades*, depois o *Municipal* e ultimo o *Presidente*” (GODOY, 2015). Godoy ainda completa dizendo que após três meses de fechar o *Cine Presidente*, o centro cultural comprou o maquinário e levou os funcionários, porem logo também fechou.

Em 1993 a sala de cinema passou a ser no Centro Cultural de São Borja, sob coordenação da presidente Maria Tereza Veloso e da vice Marisa Lima Trindade. O centro cultural comprou os equipamentos do “Cine Presidentes”, porém em 1998 o Centro Cultural parou com as exibições e por alguns anos São Borja ficou sem sala de cinema. (RHODEN et al., 2015, p.5).

Foi relatado por Rhoden (2015) que Oneron da Rocha fundou o *Cine Teatro Municipal* em 2003, uma sala moderna com capacidade para 150 lugares. O estabelecimento ficava na esquina da Riachuelo com a João Palmeiro, porém foi fechado em 2004, então o empresário com o *Cineron* passou a proporcionar o espetáculo pelo interior do estado. De acordo com Donato (2009 apud RHODEN et al., 2015) recente tivemos o *JR Entretenimentos*, funcionando apenas em 2008 e 2009, também oferecendo uma lancheria. A proprietária Jussara Radiske relata que o retorno não foi o esperado, lamentando que os são-borjenses não valorizam os cinemas da cidade.

## **A infraestrutura dos cinemas e características dos filmes**

“Antes de começar tinha o Jornal, então era uma coisa de notícias, era nacional [...]. Era colocada uma propaganda, [...] Ipanema era a produtora. E aí tinha um momento depois que [...] todos tinham melhores momentos de um grande jogo, que tinha acontecido, [...] onde a abertura era [...] uma música bonita de negocio de futebol, e o Garrincha caminhando.” (LEIPNITZ, 2015).

As sessões de domingo dos cinemas eram divididas, tendo “uma matinê domingo [...] sessão da uma, e depois as quadro [...]. Geralmente na sessão da uma se apresentavam os melhores filmes”, relata Rodrigues (2015), completando que nos dias de semana os filmes eram reproduzidos à noite.

Sobre as características dos estabelecimentos, pode-se dizer (LEIPNITZ, 2015) que o piso do *Cine Variedades* era de madeira, assim como as cadeiras. Algo que foi revolucionário no *Cine Municipal*, que tinha cadeiras estofadas, sendo uma novidade muito positiva por volta de 1973. Logo, quando abriu o presidente colocaram também tais cadeiras, mais confortáveis. O comerciante também relata que, quanto ao público, era muito vasto. Havia uma boa estrutura, que sempre lotava. Os filmes passavam até a

madrugada, e havia cinema ao ar livre. Ercolani (2008) diz que sempre comentavam que iguais apenas tinham no Cine Vitória em Porto Alegre, que eram modelos de última geração da Gaumont-Kalle, importados da Inglaterra.

O filme exibido na sexta, geralmente o *Cine Municipal* reprisava na segunda; o de sábado, na terça; e o de domingo, na quarta-feira, dia escolhido para homenagear as mulheres com preços especiais, na esperança de atrair mais espectadores, pois o começo de semana não era adequado para novos lançamentos (ERCOLANI, 2008, p. 167).

Godoy (2015) relata que “muita gente se conheceu no cinema e casou [...]. Ali era o ponto de encontro, e ia toda a galera”. O público adolescente preferia claramente os filmes de ação, mais precisamente de faroeste, relata o radialista Rodrigues (2015), como John Wayne, entre outros: Teixerinha, Mazaroppi, Li Marvin e Hithchcock. De acordo com Godoy (2015), outros filmes de muito sucesso foram Tubarão, Exorcista e Xuxa, que tinham de quatro a cinco sessões para a “Rainha dos baixinhos”, mas “o filme que maior plateia deu até hoje foi o King Kong”.

Já o comerciante Leipnitz (2015) cita épicos, como Benhur e Os dez mandamentos, e fala que Teixerinha o marcou. Tais filmes tinham grandes filas para assisti-los. Também relatou que levavam revistas já lidas pra trocar com os colegas, além de figurinhas. Rodrigues (2015) recorda que as vendas de balas eram bem intensas, e como havia a carteira de estudante – que os adolescentes emprestavam um para o outro – pagavam meia-entrada e assim tinham a oportunidade de ir. Muitos aproveitavam o encontro entre colegas de cada bairro, também para levar revistas, fazendo trocas, sendo elas: Tarzan, Zorro, Texas, Mandraque, Fantasma.

## **Relatos das atuais iniciativas na cidade**

Sobre as propostas de cinemas no contexto mais atual, as entrevistas foram de suma importância para relatar uma visão diferente sobre o lazer e a cultura cinematográficos, obtendo um olhar mais crítico perante o assunto. Podemos destacar o *Sessão Pipoquinha*; o *Cine Campus*; o *Cine DACP*; e o *Cinema, Docência e Escola*. O primeiro é uma ideia de docentes da UNIPAMPA, nas palavras da coordenadora do projeto, professora Mara Ribeiro:

[...] nasceu de uma atividade de sala de aula. Eu usava o filme para trabalhar questões teóricas, então fazia a sessão e no final da sessão discutia com os alunos relacionando ao que estávamos discutindo em sala de aula. Isso nasceu em outra universidade. Quando vim para a Unipampa, eu tive a ideia de tirar o *Sessão Pipoquinha* da sala de aula e então abrir para todo o público. Então começamos fazer a exibição dos filmes vinculados as temáticas trabalhadas no grupo de pesquisa História da Mídia. Fomos mantendo o *Sessão Pipoquinha* por 7 anos (RIBEIRO, 2015).

A professora avalia a importância de tal proposta, que serve como estímulo aos discentes da universidade, juntamente com a comunidade são-borjense, para que compareçam em exibições de seus interesses.

A ideia sempre foi a comunidade. É um projeto de extensão, então é aberto à comunidade, mas a grande maioria do público sempre foram os alunos da Universidade. [...]. Sempre tivemos a preocupação de não passar filmes que fossem muito complexos para a compreensão da comunidade. A gente sempre teve ideia de que poderíamos fazer discussões muito fundamentadas teoricamente, mas que ao mesmo tempo qualquer pessoa que chegasse ao SINDILOJAS e resolvesse entrar para assistir ao filme, aproveitaria o filme como entretenimento, independente de compreender a discussão que a gente faria no final da sessão (RIBEIRO, 2015).

O projeto parou por dois anos, pois não havia muito interesse por parte do público, já que o filme em áudio sempre original dificultava por ser em outras línguas. Mara cita que o fato é de que “a dublagem é boa, mas não resguarda tantas coisas quanto o áudio original”, sendo que sua essência é extremamente diferente. Assim como o *Sessão Pipoquinha*, o *Cine Campus*, que tem proposta similar, acontece desde 2010 no IFF<sup>9</sup>. Busca principalmente a reflexão sobre os filmes. Esse projeto é coordenado por Antônio Candido Silva. Em suas palavras sobre o projeto:

O *Cine Campus* surge com o professor Alexander, em 2011, e com o professor Wilson Links. Eles queriam criar um projeto de extensão e que pudesse ter um espaço para ver filmes e debater os filmes, então, não só se buscava debater os filmes, mas também ter um espaço para o entretenimento. Eu entro como coordenador em 2014 e algumas coisas que eu notei dos outros anos, que eu achei que poderia mudar é que

---

<sup>9</sup> Instituto Federal Farroupilha que foca em ensino médio e técnico, une os jovens da cidade e da região, umas das principais parcerias da UNIPAMPA na cidade.

poderia ficar mais parecido com o cinema, que antes era uma coisa bem acadêmica. Chegava o pessoal, explicava o filme que iria passar, passava o filme, desligava e debatia o filme (SILVA, 2015).

Além desses, no dia 02 de Novembro de 2015, surgiu na UNIPAMPA o Cine do Diretório Acadêmico de Ciência Política, chamado de *Cine DACP*. É organizado pelo acadêmico Marcos Lopes e colegas, instigados principalmente pela falta de cinemas na cidade. Ele conta como surgiu essa ideia de proporcionar um maior acesso à reflexão sobre documentários e filmes na cidade.

A proposta era mais ou menos assim: pegar um filme que tinha um cunho mais social, político e assistir ao filme com o pessoal e depois fazer um debate. E a intenção principal dele era fomentar o debate. Ele não tinha um cunho muito específico, por exemplo, o primeiro filme que a gente passou “SOS Saúde” do *Michael Moore*, já o segundo filme foi “A Cor Púrpura”. (LOPES, 2015).

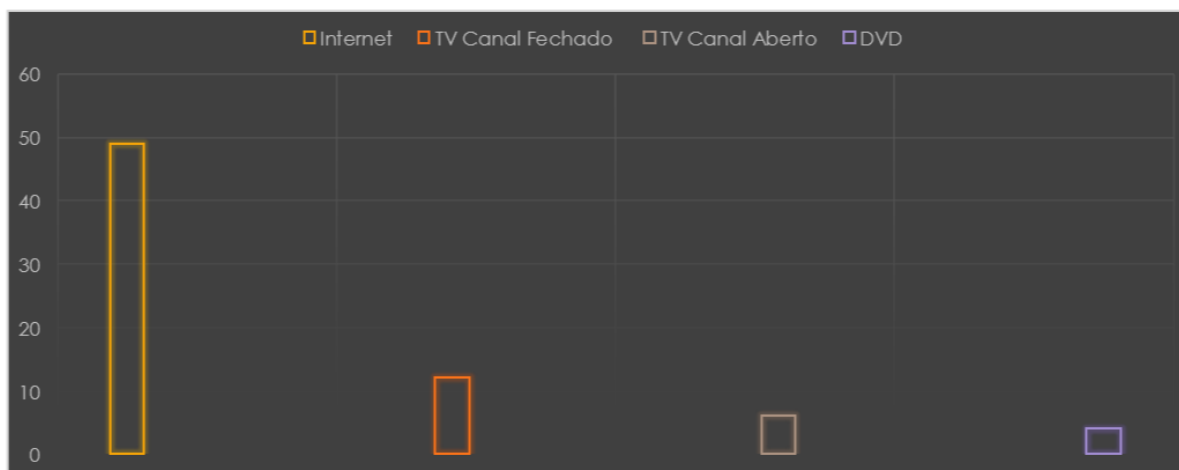
Na UNIPAMPA, houve também um projeto de pesquisa que envolve o cinema. Chamado de *Cinema, Docência e Escola*, esteve vinculado ao curso de Licenciatura em Ciências Humanas e teve como pretensão refletir sobre as relações e as vivências de professores e alunos da educação básica com o cinema, porém apenas foi realizado em 2014.

## **Considerações finais**

Um dos objetivos do trabalho foi pesquisar todas as propostas de cinemas já existentes na cidade e desenvolver – além de produzir um radiodocumentário a partir de tal pesquisa – um panorama histórico, levando uma visão crítica sobre o cinema de São Borja e suas principais perspectivas. Podemos realizar algumas observações, por fim, refletindo sobre tais perspectivas cinematográficas para a cidade e baseando-nos nas pesquisas previamente realizadas. *A pesquisa sobre a possibilidade de implantação de um cinema de média estrutura na cidade de São Borja* (FERRACINE et al. 2013), relata que há uma demanda do comércio, mas que o mesmo, se existisse atualmente na cidade, deveria funcionar apenas nos finais de semana, já que o maior público a comparecer no estabelecimento seria formado pelos estudantes da UNIPAMPA e do

IFF. Abaixo, a imagem mostra o consumo de filmes por mídia, dados produzidos pela pesquisa sobre a possibilidade de implantação de um Bar/ Cinema média estrutura na cidade de São Borja (KOCHANN et al., 2014).

**Figura 3 Consumo de filmes por mídia**



**Fonte Consumo de filmes por mídia**

Os dados acima, assim como relatado nas entrevistas, mostram que a internet desenvolveu uma percepção diferente sobre o comércio cinematográfico, o gráfico demonstra que em torno de 50 pessoas utilizam tal mídia para o consumo de filme. A partir de agora, é simples criar “uma sala de cinema” na própria casa, assistindo os filmes mais desejados e comendo o que se quer. As entrevistas mostraram também que a sétima arte é algo desejado na cidade, porém o público é muito pequeno, teriam que ser pensadas alternativas. É curioso se constatar que há 100 anos havia uma proposta de cinema na cidade e atualmente com toda a tecnologia disponível não há. A realização do artigo e também do radiodocumentário, como resultados da pesquisa, visa instigar ainda mais as pessoas para que se reflita sobre a importância de resgatar e solidificar uma cultura cinematográfica.

Salienta-se que as entrevistas foram produzidas com um sistema de perguntas bem amplo, dado que a proposta era identificar um panorama histórico maior e documentar as principais informações para que a população são-borjense possa recuperar um breve histórico da cultura cinematográfica na cidade. O radiodocumentário extraiu das sete entrevistas os principais dados sobre os cinemas.

Houve dificuldade várias em se obterem as informações, já que as fontes de São Borja, em sua maioria, não detém muitas informações a respeito. Daí a necessidade de se fazer uma seleção também em relação a quem melhor poderia contribuir. Acrescenta-se que, da mesma forma que há poucas pessoas na cidade que sabem abordar o assunto, ainda menos pessoas desejam falar a respeito. O radiodocumentário visa estimular uma nova percepção sobre o problema e desenvolver maior curiosidade sobre o assunto, desta forma mais pessoas podem ter ideias e iniciativas de cinemas para a cidade.

## Referências

Entrevista concedida por GODOY, Renato. Entrevista I. [ago. 2015]. Entrevistador(es): Pedro Henrique de Melo Gomes e Ricardo Godoy. São Borja. 1º arquivo .m4a (23'26'').

Entrevista concedida por RODRIUES, Ibaro. Entrevista II. [ago. 2015]. Entrevistador(es): Pedro Henrique de Melo Gomes e Ricardo Godoy. São Borja. 2º arquivo .m4a (8'32'').

Entrevista concedida por LEIPNITZ, Marcos. Entrevista III. [ago. 2015]. Entrevistador(es): Pedro Henrique de Melo Gomes e Ricardo Godoy. São Borja. 3º arquivo .m4a (16'44'').

Entrevista concedida por RODRIGUES, Fernando. Entrevista IV. [set. 2015]. Entrevistador(es): Pedro Henrique de Melo Gomes e Ricardo Godoy. São Borja. 4º arquivo .m4a (14'42'').

Entrevista concedida por SILVA, Antônio Candido. Entrevista V. [out. 2015]. Entrevistador(es): Pedro Henrique de Melo Gomes e Ricardo Godoy. São Borja. 5º arquivo .m4a (19'40'').

Entrevista concedida por LOPES, Marcos. Entrevista VI. [dez. 2015]. Entrevistador(es): Pedro Henrique de Melo Gomes e Ricardo Godoy. São Borja. 7º arquivo .m4a (8'29'').

Entrevista concedida por RIBEIRO, Mara. Entrevista VII. [dez. 2015]. Entrevistador(es): Pedro Henrique de Melo Gomes e Ricardo Godoy. São Borja. 7º arquivo .m4a (7'31'').

ERCOLANI, Valdi. **O despertar do Inocência**. São Paulo: Selene Editora, 2008.

FERRACINE, Bruna; FREITAS, Danilo; MARQUES, Iago; AMARANTE, Guilherme; CUNHA, Guilherme; GOULART, Lucas; GOMES, Pedro H. **Pesquisa sobre a possibilidade de implantação de um cinema de média estrutura na cidade de São Borja**. São Borja, 2013.

KOCHANN, David; AMARANTE, Guilherme; CUNHA, Guilherme; KOCHHANN, Iago; GUERRA, Walkir. **Pesquisa sobre a possibilidade de implantação de um Bar/Cinema média estrutura na cidade de São Borja.** São Borja, 2014.

RHODEN, Valmor; NARVAES, Andrea; BELMONTE, Alex; TAVARES, Victor; RODRIGUES, José F. **A trajetória e perspectivas do cinema em São Borja-RS: dos anos 20 aos dias atuais.** São Borja, 2015.

SOUZA, Maria Alice (1996) **Uma história de cinema em São Borja.** Jornal Segundo Caderno, São Borja.